CADERNO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
Volume 24, Número Especial, e38362, 2026
http://doi.org/10.36453/cefe.2026.38362
ISSN 2318-5104
unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Relato de Experiência

Escalada *indoor* na infância: um relato de experiência sobre aprendizagem, desenvolvimento e superação

Indoor climbing in childhood: an experience report on learning, development, and overcoming challenges

Maria Júlia Andrade de Oliveira, Diogo Geraldo da Silva Guedes, Pedro Otavio Pimpim Bezerra, George Ivan da Silva Holanda

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO
Recebido: 01.07.2026
Revisado: 26.08.2026
Aprovado: 31.08.2026

PALAVRAS-CHAVE
Desenvolvimento infantil;
Escalada;
Aprendizagem.

KEYWORDS
Child Development;
Climbing;
Learning.

PUBLICADO
01.10.2026

AUTOR CORRESPONDENTE
George Ivan da Silva Holanda

COMO CITAR ESTE ARTIGO (*HOW TO CITE*)
OLIVEIRA, M. J. A. de; GUEDES, D. G. da S.; BEZERRA, P. O. P.; HOLANDA, G. I. da S. Escalada *indoor* na infância: um relato de experiência sobre aprendizagem, desenvolvimento e superação.. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. esp., e38362, 2026. 10.36453/cefe.2026.38362.

RESUMO

INTRODUÇÃO: A infância constitui um período essencial para o desenvolvimento humano, no qual experiências corporais diversificadas favorecem o aprimoramento de habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais. Nesse contexto, a escalada indoor, enquanto Prática Corporal de Aventura, apresenta potencial pedagógico para promover aprendizagens significativas e ampliar o repertório motor infantil.
OBJETIVO: Relatar uma experiência com a escalada indoor em uma colônia de férias, analisando suas contribuições para o desenvolvimento infantil.
MÉTODOS: Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, realizado em janeiro de 2025 com 20 crianças de 4 a 10 anos. A intervenção ocorreu em uma academia equipada com parede de escalada indoor e foi conduzida por cinco profissionais de Educação Física. A análise baseou-se na observação sistemática das respostas motoras e comportamentais durante as atividades.
RESULTADOS: A intervenção permitiu abordar aspectos como coordenação motora, equilíbrio, força, planejamento motor, tomada de decisão e resolução de problemas. Também foram observadas manifestações de autoconfiança, superação do medo, persistência, cooperação e autonomia, potencializadas por estratégias pedagógicas pautadas na ludicidade, na progressão das atividades e no risco controlado.
CONCLUSÃO: A escalada indoor mostrou-se uma estratégia pedagógica promissora para diferentes contextos educativos, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e ampliando as possibilidades de intervenção da Educação Física, embora sejam necessárias novas pesquisas em contextos escolares e intervenções de maior duração.

ABSTRACT

BACKGROUND: Childhood is a critical period for human development, during which diverse bodily experiences foster the improvement of motor, cognitive, and socio-emotional skills. In this context, indoor climbing, as an Adventure Physical Activity, has pedagogical potential to promote meaningful learning and expand children's motor repertoire.
OBJECTIVE: To report an experience with indoor climbing during a holiday camp, analyzing its contributions to children's development.
METHODS: This is a qualitative experience report conducted in January 2025 with 20 children aged 4 to 10 years. The intervention took place in a gym equipped with an indoor climbing wall and was led by five Physical Education professionals. Data analysis was based on the systematic observation of the children's motor and behavioral responses throughout the activities.
RESULTS: The intervention made it possible to address aspects such as motor coordination, balance, strength, motor planning, decision-making, and problem-solving. Improvements were also observed in self-confidence, overcoming fear, perseverance, cooperation, and autonomy, supported by pedagogical strategies based on playfulness, progressive task organization, and controlled risk.
CONCLUSION: Indoor climbing proved to be a promising pedagogical strategy for different educational contexts, contributing to children's holistic development and expanding the possibilities for intervention in Physical Education. However, further studies in school settings and longer-term interventions are needed.

Open Access
Full Text Article

Este artigo foi publicado sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

▼ INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é um processo contínuo que ocorre ao longo de toda a vida, sendo influenciado por diversos fatores, sejam eles biológicos, ambientais, sociais e culturais. A infância é uma etapa fundamental nesse percurso, pois contribui para a aquisição e o refinamento de habilidades motoras, sendo também uma fase marcada pela elevada plasticidade neural e grande capacidade de adaptação às experiências vivenciadas (Papalia, Olds; Feldman, 2006).

A intervenção intencional nessa etapa do desenvolvimento humano pode favorecer diferentes processos de aprendizagem. Nos estudos sobre infância, a aprendizagem é compreendida como um processo de aquisição decorrente da experiência. Friedmann (1996) distingue as experiências em físicas e lógico-matemáticas. A primeira diz respeito ao agir humano sobre os objetos, processo no qual ocorre a assimilação das propriedades abstraídas deles. Na segunda, a assimilação ocorre a partir das ações do sujeito sobre o objeto. Nesse sentido, as crianças aprendem por meio da interação com o meio e com seus pares, processo que favorece diferentes formas de desenvolvimento.

Com isso, a prática de atividades físicas diversas e as experiências corporais oferecidas nesse período desempenham papel central na construção de habilidades motoras, repercutindo não apenas no desempenho físico, mas também nos aspectos cognitivos e socioemocionais, contribuindo para a formação e o desenvolvimento integral da criança (Costa, 2025). Nesse contexto, o movimento é compreendido como um elemento essencial na vida infantil e, quanto mais diversificadas forem as experiências corporais proporcionadas às crianças, maiores serão as possibilidades de exploração e reconhecimento de habilidades, dificuldades e desafios, favorecendo o autoconhecimento, a convivência em sociedade, a expressão das emoções e a construção de conhecimentos e competências motoras que servirão de base para aprendizagens futuras.

A literatura da área sobre o desenvolvimento motor tem enfatizado a importância das experiências motoras durante a infância, considerando esse período como fundamental para a consolidação das habilidades motoras básicas, como correr, saltar, equilibrar-se, lançar, receber e escalar (Manoel, 1994; Connolly, 2000; Gallahue; Ozmun; Goodway, 2013). Segundo Tani *et al.* (1988), o desenvolvimento motor não ocorre de maneira automática ou conforme a maturação biológica, mas a partir da interação entre o indivíduo, a tarefa e o ambiente, de maneira progressiva, capacitando-o para realizar atividades motoras com confiança, precisão, eficiência e segurança, sendo influenciado pelas múltiplas experiências corporais vivenciadas.

Soma-se a isso a importância das interações sociais e do contexto cultural no desenvolvimento físico-motor. Friedmann (1996; 2020) aponta para a importância da exploração do tempo e do espaço da criança por meio do corpo. Nesse sentido, o jogo apresenta-se como um meio fundamental na promoção do desenvolvimento físico-motor. Destaca-se, ainda, que essas atividades podem ocorrer de forma espontânea, em que as crianças brincam livremente, ou direcionada, na qual um professor utiliza os espaços disponíveis para pensar os fundamentos a serem desenvolvidos por meio dos jogos.

Nesse sentido, as Práticas Corporais de Aventura (PCAs) podem constituir um importante componente curricular, que também pode contribuir para o desenvolvimento motor global quando adaptadas ao universo infantil (Inacio; Baena-Extremera, 2019). As PCAs promovem desafios motores contínuos e variados, que contribuem para a melhoria do desempenho funcional e o aprimoramento das capacidades coordenativas. Essas práticas caracterizam-se, ainda, pela imprevisibilidade e pelo risco controlado, exigindo constantes adaptações motoras e tomada de decisões (Lavoura; Schwartz; Machado, 2008; Brasil, 2017).

Dentre as modalidades que compõem as PCAs, destaca-se a escalada, caracterizada pela ascensão em paredes verticais e diferenciada, sobretudo, pelas formas de subida. Embora os termos escalada, alpinismo e montanhismo sejam frequentemente utilizados de maneira análoga (Triani; Silva; Paixão, 2019), Pereira (2013) adota o termo escalada e a classifica em três manifestações: escalada em gelo, escalada em rocha e escalada em ambientes construídos (escalada *indoor*). Essas práticas ampliam as possibilidades pedagógicas da Educação Física ao articularem aspectos físicos, cognitivos e emocionais, proporcionando desafios motores seguros, lúdicos e significativos, além de experiências de superação, cooperação, solidariedade, autoconhecimento e exploração do ambiente, reforçando seu potencial no desenvolvimento infantil (Cássaro, 2025; Ferreira; Silva, 2020).

Ao aprofundar a compreensão da escalada, torna-se importante situá-la no contexto mais amplo das PCAs, ainda que sua realização ocorra em ambientes artificiais. Conforme discutido por Pimentel (2013), essas práticas são marcadas por características como risco, imprevisibilidade, busca por emoções e menor padronização dos movimentos, diferenciando-se dos esportes tradicionais por envolverem experiências mais abertas e sensíveis, nas quais a interação com o ambiente natural ou simulado desempenha papel central.

A emergência da escalada em ambientes artificiais pode ser compreendida, ainda, como uma resposta às transformações sociais contemporâneas, especialmente ao processo de urbanização. Segundo Marinho e Bruhns (2007), a criação desses espaços representa um movimento de adaptação da prática às condições urbanas, possibilitando o acesso ampliado à modalidade. Dessa forma, a escalada *indoor* surge como uma alternativa viável para contextos educativos, permitindo que os sujeitos tenham contato com as PCAs em ambientes controlados e seguros.

Além disso, o crescimento da escalada em âmbito global e sua recente inserção no cenário esportivo internacional, com a inclusão nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos (*U. S. Olympic & Paralympic Museum*, 2026), contribuem para o aumento de sua visibilidade e aceitação, ampliando seu

potencial de inserção em diferentes contextos, incluindo o escolar. No Brasil, embora ainda existam limitações estruturais, observa-se uma expansão progressiva de espaços destinados à prática, como um aumento do interesse acadêmico e pedagógico pela modalidade, especialmente no campo da Educação Física.

A escalada apresenta múltiplas modalidades – *Boulder*, a Guiada (*Lead* / Dificuldade) e a Velocidade (*Speed*), podendo ser desenvolvida tanto em ambientes naturais quanto artificiais, com diferentes níveis de complexidade técnica e exigência física (Koch *et al*., 2015). Essa diversidade de manifestações reforça seu potencial pedagógico, uma vez que permite adaptações conforme a faixa etária, o nível de habilidade e os objetivos educacionais, favorecendo sua inserção em contextos escolares de maneira segura e progressiva.

Nesse cenário, a escalada passa a ser reconhecida como um conteúdo possível e relevante da Educação Física escolar. De acordo com Pereira (2007), essa prática já se encontra prevista em documentos educacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), sendo uma manifestação da cultura corporal que pode contribuir para a formação integral dos estudantes (Brasil, 1998). No entanto, sua inserção nas escolas ainda é limitada, devido à falta de profissionais capacitados e a escassez de produtos educacionais sistematizados para o ensino das PCAs (Cardoso; Inácio, 2025).

Portanto, ao dialogar com as demandas atuais da Educação Física escolar e com a necessidade de diversificação dos conteúdos, a escalada *indoor* apresenta-se como uma possibilidade de inovação pedagógica. Considerando a infância como um período decisivo para o desenvolvimento humano e reconhecendo o movimento e as PCAs como elementos centrais para a ampliação das experiências corporais e dos processos de aprendizagem, este trabalho apresenta um relato de experiência sobre a utilização da escalada *indoor* com o público infantil.

▼ MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência acerca de uma intervenção com escalada *indoor* desenvolvida para crianças. A organização dessa narrativa seguiu a divisão proposta pelo modelo de Mussi, Flores e Almeida (2021), conforme detalhado a seguir.

O relato de experiência foi organizado em cinco etapas articuladas. Inicialmente, são apresentados os fundamentos teóricos que sustentam o estudo, contemplando a delimitação dos conceitos centrais, a problematização, a relevância da intervenção e os objetivos propostos. Na sequência, descrevem-se o contexto da experiência, o público participante, os recursos empregados, os procedimentos desenvolvidos, os instrumentos de registro, os critérios de análise e os aspectos éticos que orientaram a investigação.

Posteriormente, são expostos os principais efeitos e as vivências decorrentes da intervenção pedagógica. Esses achados são analisados à luz da literatura especializada, estabelecendo um diálogo crítico que considera as limitações, as estratégias de superação e as potencialidades identificadas durante o processo. Por fim, é apresentada uma síntese do estudo, verificando o alcance dos objetivos e apontando recomendações para futuras pesquisas e intervenções pedagógicas.

A vivência prática ocorreu em 7 de janeiro de 2025, no período vespertino, das 14h às 18h, em uma academia particular. A atividade integrou a programação de uma colônia de férias e teve como foco a realização de experiências de escalada *indoor* com o público infantil.

O público-alvo foi composto por 20 crianças, com faixa etária abrangendo dos quatro aos 10 anos de idade. Como critério de participação previamente dialogado no ato da inscrição, com os pais ou responsáveis pelas crianças de quatro anos, avaliou-se a desenvoltura e autonomia básica dos participantes em aspectos cotidianos (como autonomia para ir ao banheiro e habilidade para expressar verbalmente suas necessidades). Esse critério funcionou como um suporte operacional para a mediação pedagógica, contudo, garantiu-se atendimento e acompanhamento integral a todas as crianças que manifestassem necessidade de auxílio.

A condução do evento foi realizada por uma equipe composta por cinco profissionais da área de Educação Física. Os critérios de seleção desses profissionais priorizaram a atuação prévia no âmbito escolar ou de academias, preferencialmente com experiência com o público infantil. A equipe foi distribuída de acordo com as demandas nos espaços disponíveis.

A colônia de férias funcionou por meio de atividades simultâneas divididas em dois ambientes principais da academia, permitindo que as crianças escolhessem os espaços conforme seus interesses, sob a mediação constante dos professores. Neste espaço, foram desenvolvidos jogos e brincadeiras motoras lúdicas, tais como pega-pega, cabra-cega, patinho e patão, jogos de adivinhação, futsal adaptado, circuito funcional e pula-corda, além de momentos de exploração livre, utilizando recursos materiais disponíveis no próprio local, como bambolês, *steps*, pinos de boliche, petecas, raquetes e bolas de tênis.

Para orientar a atuação da equipe, foi elaborado previamente um roteiro pedagógico de forma colaborativa entre os professores, reunindo jogos e brincadeiras já consolidados na unidade, descritos de maneira detalhada para subsidiar a prática. O material, complementado por orientações operacionais, normas de conduta e cronograma de atividades, foi apresentado e discutido em uma reunião de planejamento realizada antes do início da colônia de férias, possibilitando o alinhamento das ações, a revisão de experiências anteriores e a definição de estratégias para lidar com possíveis desafios pedagógicos, sem restringir a autonomia dos profissionais para adaptar ou propor novas atividades.

Com relação à parede de escalada *indoor*, a estrutura possui 8 m de altura e aproximadamente 2 m de largura. O equipamento contava com duas cadeirinhas (cadeirinhas de segurança) disponíveis para a vivência. Aquelas que optavam pela escalada organizavam-se em duas filas

paralelas e eram direcionadas em duplas para a prática simultânea. A dinâmica priorizou os fluxos seguros, exigindo que a próxima criança da fila aguardasse a descida e a desmobilização completa do colega anterior para iniciar a sua subida.

A intervenção com a escalada *indoor* baseou-se nos princípios da progressão pedagógica, do risco controlado e da ludicidade. Portanto, dois professores ficaram encarregados de forma exclusiva do manejo das cordas, dos dispositivos de segurança (freios) e do ajuste das cadeirinhas.

O protocolo de instrução inicial envolveu a explicação verbal dos movimentos básicos da escalada, como o posicionamento adequado dos pés e das mãos nas agarras, a manutenção dos cotovelos estendidos para preservar a força durante a progressão, a manutenção do centro de gravidade próximo à parede de escalada e a lateralização das pernas, de modo a manter as pontas dos pés apoiadas nas agarras. Dando continuidade, as crianças eram instruídas sobre o procedimento de descida, sendo enfatizada a necessidade de manter a calma, escutar os comandos e sinalizar verbalmente quando desejassem interromper a subida.

No momento de fixação dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), os professores explicavam de forma lúdica a funcionalidade da cadeirinha. Diante de episódios de medo ou recusa em vestir o equipamento de segurança por parte de alguma criança, adotava-se uma estratégia de introdução gradual: permitia-se a experimentação dos movimentos iniciais na parede sem o uso da cadeirinha, limitando rigidamente a subida a uma altura baixa e segura sobre o colchão de amortecimento específico da modalidade. Para o salto voluntário de retorno ao colchão, utilizava-se a metáfora de "pular como o Homem-Aranha", orientando-as a fletir os joelhos e utilizar as duas mãos à frente para dissipar o impacto da queda, sob a guarda de dois ou mais profissionais posicionados na base.

À medida que os participantes inseguros adquiriam confiança e expressavam o desejo de atingir maiores altitudes, introduzia-se o uso da cadeirinha de segurança. Caso o receio persistisse, a mediação pedagógica incluía o diálogo encorajador, as vezes solicitando que uma criança mais experiente demonstrasse a atividade.

O processo gerou um ambiente de aprendizado cooperativo e coletivo, em que a própria fila de espera participava ativamente, emitindo frases motivacionais e de apoio mútuo (como “vamos”, “você consegue”, “vou te mostrar” e “não precisa ter medo”). Na subida das crianças menores (de 4 e 5 anos), que apresentavam dificuldades na estabilização e no apoio inicial do corpo junto à parede, manifestava-se o suporte, frequentemente oferecido por irmãos ou primos mais velhos presentes ou, na ausência destes, por meio de auxílio físico direto nas costas, fornecido pelo professor até que a criança firmasse o equilíbrio.

Todos os participantes tiveram a oportunidade de repetir a vivência na parede de escalada *indoor*. No entanto, a gestão das filas priorizou aqueles que ainda não haviam vivenciado a atividade no dia. A atividade na parede de escalada era encerrada após um período aproximado de uma hora e meia a duas horas, quando todas as crianças interessadas já haviam realizado a escalada.

Este fechamento técnico justificou-se pela necessidade de descanso dos operadores de corda, visto que o manuseio seguro das cordas e dos sistemas de freio era de domínio restrito a uma parte dos profissionais presentes nas intervenções. O encerramento foi explicado de forma clara para as crianças, comunicando-lhes que a prática estaria operando novamente no dia posterior e ao longo das semanas subsequentes do evento.

Por fim, os procedimentos de análise dos resultados da intervenção deram-se de forma processual e qualitativa. Os dados foram coletados a partir da observação sistemática das respostas motoras (grau de autonomia, evolução na altura, coordenação ampla, agilidade e equilíbrio) e comportamentais (manifestações de medo, superação, autoconfiança, cooperação e empatia na fila de espera) demonstradas pelas crianças ao longo de todas as etapas da proposta pedagógica da escalada *indoor*. Quanto aos aspectos éticos, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás (CEP/UEG), sob o Parecer nº 8.386.868 (CAAE nº 95749525.4.0000.8113), em conformidade com o Sistema CEP/CONEP.

▼ RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da intervenção, percebeu-se que a escalada *indoor* pode favorecer significativamente o desenvolvimento motor das crianças, quando considerada a complexidade dos movimentos exigidos pela modalidade, como as pegadas manuais (agarras), a tração dos membros superiores, o empurrão com os membros inferiores, bem como flexões e extensões de braços e pernas, contribuindo para melhorias tanto na coordenação motora grossa quanto na fina.

Esses aspectos abrangem a coordenação global do corpo, o equilíbrio dinâmico, a organização espacial, o controle postural, a força muscular e a resistência física, uma vez que as crianças precisam planejar seus movimentos, sustentar o próprio corpo e ajustar suas ações ao longo da atividade (Chultes; Selmo; Gaya, 2025). Tais achados corroboram a perspectiva desenvolvimentista de Tani *et al*. (1988), segundo a qual o desenvolvimento motor ocorre por meio da interação contínua entre indivíduo, tarefa e ambiente, sendo as experiências motoras diversificadas fundamentais para o refinamento das habilidades motoras. Além disso, sua realização em ambientes construídos amplia as possibilidades de acesso à prática, especialmente em regiões urbanas (Marinho; Bruhns, 2007).

A experiência demonstrou que a escalada *indoor* mobiliza processos cognitivos relacionados à aprendizagem motora. Em diversos momentos, as crianças precisaram planejar seus movimentos, observando a disposição das agarras e escolher estratégias para avançar. Essa necessidade de antecipar ações futuras é processo contínuo de planejamento motor, no qual a criança

organiza mentalmente a sequência de movimentos antes de executá-los (Papalia; Olds; Feldman, 2006).

A antecipação de movimentos também esteve presente durante a atividade, quando os participantes avaliavam a próxima agarra a ser utilizada e ajustavam previamente a posição do corpo para facilitar a progressão. Esse comportamento reforça que os processos perceptivos e cognitivos antecedem a execução motora. Tani *et al*. (1988) destacam que o movimento humano resulta de mecanismos de percepção, decisão e ação, de forma integrada, enfatizando que o desempenho motor depende também da capacidade de processar informações provenientes do ambiente.

Outro aspecto observado foi a constante resolução de problemas. Situações como a perda de apoio dos pés, a dificuldade para alcançar determinada agarra ou a necessidade de modificar a rota planejada exigiram das crianças a elaboração de novas estratégias para continuar a escalada. Diante desses desafios, ocorreu a estimulação do raciocínio prático e da adaptação comportamental, favorecendo processos de aprendizagem durante a atividade.

Além disso, a escalada exigiu a mobilização constante da tomada de decisão, uma vez que, a cada movimento, as crianças precisavam avaliar o ambiente, decidir onde posicionar as mãos e os pés, definir o trajeto a ser seguido e escolher o momento adequado para interromper ou prosseguir na subida. Para Tani *et al*. (1988), os domínios cognitivos e motor estão interligados, pois, a aprendizagem motora envolve a aquisição e o aperfeiçoamento de planos motores que dependem das possibilidades disponíveis no ambiente.

Os aspectos socioemocionais constituíram uma das dimensões mais evidentes durante a intervenção. Inicialmente, algumas crianças manifestaram receio diante da altura e do uso dos equipamentos de segurança. Entretanto, à medida que experimentavam pequenas conquistas e recebiam apoio dos colegas e professores, observou-se um fortalecimento progressivo da autoconfiança, alcançando novas alturas e a superando desafios considerados difíceis pelo praticante.

Assim, a superação do medo destacou-se como um dos resultados mais significativos da experiência. Conforme apontam Lavoura, Schwartz e Machado (2008), as PCAs envolvem tanto emoções associadas à ansiedade, à insegurança e à tensão quanto emoções prazerosas, como alegria, sensação de desafio, conquista e superação. Durante a escalada, o medo não se apresentou como um fator limitante, mas como um elemento pedagógico que, quando mediado adequadamente, favoreceu processos de aprendizagem e crescimento pessoal.

A persistência também foi observada. Diante de tentativas frustradas ou dificuldades para alcançar determinadas agarras, muitas crianças demonstraram disposição para tentar novamente, evidenciando resiliência e enfrentamento de desafios. Esse aspecto reforça a ideia de que as PCAs oferecem experiências que estimulam a autonomia e a capacidade de lidar com situações adversas de forma positiva.

Além disso, a cooperação surgiu ao longo da intervenção, com o incentivo verbal, as demonstrações realizadas por crianças mais experientes e o apoio oferecido pelos colegas durante a fila de espera contribuindo para a construção de um ambiente de aprendizagem colaborativo. Com isso, percebeu-se, nas intervenções, que as experiências de aventura estabelecem vínculos e relações por meio da confiança e da solidariedade (Lavoura; Schwartz; Machado, 2008). Nesse sentido, a escalada *indoor* não apenas possibilitou a abordagem de aspectos relacionados ao desenvolvimento individual das crianças, mas também fortaleceu vínculos sociais e a cooperação.

A ocorrência dessas sensações é imprescindível para o desenvolvimento afetivo das crianças. Friedmann (1996; 2020) compreende que os jogos apresentam oportunidades para a expressão de afetos e emoções, desde que haja um ambiente e espaço favoráveis, que, por sua vez, devem ser ofertados pelos adultos. Para além disso, é necessário permitir que as crianças experimentem diferentes formas de ser e viver no espaço; o tempo do jogo deve ser condicionado pelo interesse das crianças.

Diante disso, as análises advindas da experiência relatada também dialogam com Pereira (2007) e Triani, Silva e Paixão (2019), ao evidenciarem as potencialidades formativas da escalada *indoor* como conteúdo pedagógico da Educação Física, favorecendo o desenvolvimento da coordenação motora, da força, do equilíbrio e da tomada de decisão, bem como o estímulo à autoconfiança, à superação de limites e ao envolvimento ativo dos praticantes, por possibilitar o controle do risco e a adaptação dos espaços.

Quando inserida de maneira planejada e mediada no contexto da infância, a escalada *indoor* configura-se como uma estratégia pedagógica relevante para a Educação Física escolar (Dimitri, 2007), pois contribui para a diversificação dos conteúdos da área e possibilita a abordagem de temas como movimento, risco controlado, cooperação e autonomia (Triani; Silva; Paixão, 2019).

Com isso, a escalada *indoor* mantém seu caráter desafiador e motivador, ampliando as experiências corporais no contexto educativo e o interesse das crianças pelas aulas de Educação Física, além de contribuir para a formação integral dos participantes, especialmente quando desenvolvida de forma contínua e sistematizada (Koch *et al*., 2015), articulando de maneira indissociável as dimensões motoras, cognitivas e socioemocionais.

▼ CONCLUSÃO

Nesse processo, além dos resultados observados junto às crianças, a experiência evidenciou a importância da formação acadêmica e da vivência prática dos profissionais envolvidos para o desenvolvimento seguro e qualificado das PCAs. A intervenção exigiu conhecimentos não apenas sobre os aspectos técnicos da escalada e o manejo dos equipamentos de segurança, mas também sobre a mediação pedagógica do profissional, que assume papel central na organização das experiências corporais, na proposição de desafios adequados e na criação de

um ambiente seguro, acolhedor e lúdico, adequado às características do público infantil.

Dessa forma, cabe ao professor orientar, incentivar e intervir de forma sensível. A articulação entre os conhecimentos científicos adquiridos na formação em Educação Física e as experiências práticas de atuação é fundamental para a organização de estratégias que respeitem os diferentes níveis de desenvolvimento e as possibilidades de cada criança, garantindo a progressão das atividades e transformando a prática da escalada *indoor* em uma experiência cheia de sentido e significado.

Embora os resultados observados tenham sido positivos, algumas limitações precisam ser consideradas. Por se tratar de um relato de experiência originado de um único contexto e em um período relativamente curto de intervenção, não foi possível acompanhar os efeitos da prática em médio e longo prazo e mensurar, de forma quantitativa, os possíveis avanços motores e cognitivos dos praticantes. Isso aponta para a necessidade de processos educativos regulares e contínuos, visando ao desenvolvimento integral das crianças. Além disso, a experiência ocorreu em uma estrutura específica, dotada de equipamentos e profissionais capacitados, diferente da realidade de muitas instituições educacionais brasileiras. Nesse sentido, torna-se necessária a realização de novas pesquisas sobre os impactos da escalada *indoor* em diferentes faixas etárias, contextos escolares e períodos de intervenção mais prolongados, ampliando as evidências científicas sobre suas contribuições para o desenvolvimento infantil.

Por fim, destaca-se que a escalada *indoor* pode possibilitar experiências diversas para as crianças desde os primeiros anos de vida, favorecendo o aprimoramento dos movimentos corporais, o protagonismo, o desenvolvimento motor, a autonomia e a superação de desafios, reforçando o seu potencial como prática pedagógica para diferentes contextos, seja no ambiente escolar, em projetos sociais, colônias de férias, centros esportivos ou espaços de educação não formal.

Dessa maneira, conclui-se que a escalada *indoor* apresenta um caráter educativo por articular, de forma integrada, dimensões motoras, cognitivas e socioemocionais, principalmente quando planejada de maneira progressiva, sistemática e pedagógica, contribuindo para a formação integral das crianças, ampliando as possibilidades de intervenção da Educação Física e fortalecendo a inserção das PCAs nos diferentes espaços.

► *AGRADECIMENTOS*

Nada a declarar.

► *CONFLITO DE INTERESSE*

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

► *FINANCIAMENTO*

O trabalho contou com o apoio financeiro do Programa de Auxílio Eventos (Pró-Eventos), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

■ REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em: 23/06/2026.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Educação Física. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, V. F.; INÁCIO, H. L. D. Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: desafios e possibilidades em Birigui-SP. **Movimento**, v. 31, p. e31068, 2025. https://doi.org/10.22456/1982-8918.145967

CÁSSARO, E. R. **Atividades de aventura nos anos iniciais do ensino fundamental**: possibilidades e desafios a partir da BNCC. 2019. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2019. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/4619 Acesso em 20/06/2026.

CHULTES, L.; SELMO, C. C.; GAYA, A. C. A. Práticas corporais de aventura: benefícios da escalada e rapel para a aptidão física de escolares. **Práxis Educacional**, v. 21, n. 52, e16778, 2025. https://doi.org/10.22481/praxisedu.v21i52.16778

CONNOLLY, K. Desenvolvimento motor: passado, presente e futuro. **Revista Paulista de Educação Física**,. Supl. 3, p. 6-15, 2000. https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.2000.139605

COSTA, A. F. S. As interações e as brincadeiras na educação infantil: contribuições para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional. **Revista Foco**, v. 18, n. 7, e9263, 2025. https://doi.org/10.54751/revistafoco.v18n7-099

FERREIRA, J. K. S.; SILVA, P. C. C. Práticas corporais de aventura na natureza na educação infantil: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 3, p. 157-64, 2020. https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n3.p157

FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Educação, 2020.

FRIEDMANN, A. **Brincar**: crescer e aprender. O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. C**ompreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Cidade: AMGH, 2013.

INÁCIO, H. L. D.; BAENA-EXTREMERA, A. Práticas corporais de aventura na educação física espanhola: um estudo com foco na metodologia e na avaliação. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 3, p. 125-31, 2020. https://doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n3.p125

KOCH, H. G. B.; PEIXOTO, G. O.; LABRONICI, R. H. D. D.; SILVA, N. C. O. V.; ALFIERI, F. M.; PORTES, L. A. Escalada terapêutica: uma possibilidade de intervenção para crianças com paralisia cerebral. **Acta Fisiátrica**, v. 22, n. 1, p. 30-3, 2015. https://doi.org/10.5935/0104-7795.20150008

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 2, p. 119-27, 2008. https://doi.org/10.1590/S1807-55092008000200003

MANOEL, E. J. Desenvolvimento motor: implicações para a educação física escolar I. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 8, n. 1, p. 82-97, 1994. https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1994.138423

MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. Escalada urbana - faces de uma identidade cultural contemporânea. **Movimento**, v. 7 n. 14, p. 37-

48, 2007. https://doi.org/10.22456/1982-8918.2606

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEREIRA, D. W. A escalada chega na escola. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 5, n. 1, p. 31-8, 2007. Disponível em: https://www.fontouraeditora.com.br/periodico/publications/release/article/4 Acesso em: 17/06/2026.

PEREIRA, D. W. **Atividades de aventura**: em busca do conhecimento. Várzea Paulista: Fontoura, 2013.

PIMENTEL, G. G. A. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 3, p. 687-700, 2013. https://doi.org/10.1590/S0101-32892013000300012

TANI, G.; MANOEL, E. J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. **Educação física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

TRIANI, F. S.; SILVA, F. T.; PAIXÃO, J. A. Escalada indoor como possibilidade de conteúdo para a educação física escolar. **Conexões**, v. 17, p. 1-17, 2019. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654409 Acesso em: 17/06/2026.

USOPM. U.S. Olympic & Paralympic Museum. **Olympic Sport Climbing**: History, Athletes & Notable Moments. Disponível em: https://usopm.org/hall-of-fame/sport-climbing/ Acesso em: 06/03/2026.

E-MAIL DOS AUTORES

Maria Júlia Andrade de Oliveira
mariajuliaandrade51@gmail.com

Diogo Geraldo da Silva Guedes
diogo.guedes@ueg.br

Pedro Otavio Pimpim Bezerra
pedropimpim6@outlook.com

George Ivan da Silva Holanda
george.holanda@ueg.br

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, inclusive para fins comerciais, desde que atribuam o devido crédito aos autores e à publicação inicial nesta revista.